

Encontros e desencontros entre marxismo e feminismo: Uma análise da incorporação da luta pela emancipação das mulheres entre os revolucionários russos a partir de Lênin, Kollontai e Trotsky

Danielle Jardim da Silva¹

A Revolução Russa foi a primeira experiência de revolução proletária bem sucedida da história. A partir das Internacionais, tanto a experiência revolucionária como o processo estalinista deixaram marcas profundas no marxismo e no movimento socialista do mundo todo. A Revolução Russa marcou toda a história do século XX e continua a ter um peso fundamental até hoje, às vésperas de seu centenário.

Em meio ao esforço de construir um novo mundo e demolir todo um velho mundo existente, a Revolução se debruçou sobre a política, a economia, a cultura, as relações afetivas e familiares e teve entre seus eixos centrais a destruição da família burguesa e a crítica à cultura patriarcal. No entanto, os russos não tiveram posições homogêneas e mesmo os bolcheviques nunca possuíram uma fala uniforme sobre a questão. Quais as diferenças? Quais contradições? Como os bolcheviques perceberam as primeiras políticas implementadas? Há nesse período raízes para retrocessos do período stalinista? Essas são algumas das perguntas que buscamos começar a responder neste artigo.

Para essa investigação, iremos trabalhar com textos de Vladimir I. Lênin (de 1896 a 1922), Alexandra Kollontai (de 1907 a 1926) e Leon Trotsky (de 1923 a 1936), três das maiores lideranças revolucionárias, sendo Kollontai, figura decisiva na organização das mulheres russas, além de um texto de Clara Zetkin publicado após a morte de Lênin. Como leituras de base estão escritos de Marx, Engels, e Bebel que tocam na questão das mulheres e da família, além da bibliografia sobre a revolução russa e o governo soviético.

A construção do movimento operário e da revolução: A mulher e o socialismo

A primeira preocupação do capitalista ao empregar a maquinaria foi a de utilizar o trabalho das mulheres e das crianças. Assim, de poderoso meio de substituir trabalho e trabalhadores, transformou-se imediatamente em meio de aumentar o número de trabalhadores colocando todos os membros da família do trabalhador, sem distinção de idade ou sexo, sob o domínio direto do capital. [...] Lançando à máquina todos os membros da família do trabalhador no mercado de trabalho, reparte ela o valor da força de trabalho do homem adulto pela família inteira.²

¹ Formada em História pela UFF, cursa Especialização em Gênero e Sexualidade na UERJ (CLAM/IMS). É professora, feminista e sindicalista (SEPE-RJ).

² MARX, Karl. O capital. apud NOGUEIRA, Claudia M. A Feminização no mundo do trabalho: entre a emancipação e a precarização. Campinas: Autores Associados, 2004.

Ao longo da segunda metade do séc. XIX foi se desenvolvendo um movimento operário feminino que, diferenciando-se do movimento feminista burguês, buscou mobilizar as operárias contra o capitalismo e pela revolução socialista. Marx, em suas obras, observou o impacto do capitalismo sobre as mulheres e a família e as experiências da II Internacional e do SPD alemão³, do qual Engels, Bebel⁴ e Zetkin participaram decisivamente, contribuíram para combater o “anti-feminismo proletário”⁵ ainda existente impulsionar a mobilização das mulheres operárias.

O movimento socialista russo se relacionava com essa experiência internacional e colocou a destruição da opressão das mulheres e da família como estratégica para a revolução e o socialismo. Segundo Clara Zetkin, Lênin via o movimento feminino como “*parte integrante e, em certas ocasiões, parte decisiva do movimento de massas*” defendendo a criação de “*um poderoso movimento feminino internacional, fundado sobre uma base teórica clara e precisa*”.⁶

No entanto, muitas vezes a necessidade de diferenciação com o feminismo burguês, fez com que o *movimento operário feminino* relutasse em a se identificar como “*feminista*”. Kollontai aponta que

Apesar da aparência radical das demandas feministas, não se deve perder de vista o fato de que as feministas não podem, em razão de sua posição de classe, lutar por aquela transformação fundamental da estrutura econômica e social contemporânea da sociedade, sem a qual a libertação das mulheres não pode completar-se. [...] Uma vez que [...] as mulheres burguesas tenham ascendido à atividade política, as atuais defensoras dos ‘direitos de todas as mulheres’ se converterão em defensoras entusiastas dos privilégios de sua classe.⁷

Diante disso, o chamado à participação das mulheres no movimento operário, na revolução e no governo soviético, ganhou centralidade. No panfleto *As Operárias*, Lênin defende: “*Elegeri mais operárias comunistas ou sem partido ao Soviete! Pouco importa se uma operária honesta, sensata e conscienciosa no*

30 Partido Social-democrata alemão (SPD) possuía uma Comissão Nacional para a Luta das Mulheres e o jornal “A Igualdade” (Die Gleichheit) cujo número de assinantes superou o de filiados ao SPD. A II Internacional aprovou resoluções e realizou Conferências Internacionais de Mulheres Socialistas, nas quais eram realizadas deliberações e a eleição de um Departamento Feminino. Dessa forma, a II Internacional aprovou a luta pelo voto feminino, a contração de secretariados femininos nacionais e de um “Dia da Mulher” (BADIA, 2003).

4 August Bebel com o livro *A mulher e o Socialismo* (1879) e Friedrich Engels com *A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado* (1884) formaram uma base teórica sobre a emancipação da mulher sob a perspectiva do materialismo histórico da época.

5 Alguns setores foram contra o trabalho feminino, a organização das mulheres operárias e suas bandeiras.

6 ZETKIN, C. *Lênin e o Movimento Feminino*, 1920. Disponível em: <<http://www.marxists.org/portugues/zetkin/1920/mes/lenin.htm>>. Visitado em: 25 de abril de 2015.

7 KOLLONTAI, A. *Los Fundamentos Sociales de La cuestión femenina*. 1907. Disponível em: <<http://www.marxists.org/espanol/kollontai/1907/001.htm>>. Visitado em: 25 de abril de 2015.

*trabalho, não pertence ao Partido: eleger-a para o Soviete de Moscou!”*⁸ Trotsky posiciona-se sobre o protagonismo das mulheres em suas lutas endossando que *“as pioneiras da grande luta pela libertação das mães, devem ser, logicamente, as mulheres operárias de vanguarda”*.⁹

A inclusão das questões sobre as mulheres e a família no programa revolucionário mobilizou-as para esta tarefa. Na revolução de Outubro, elas agitaram as massas, combateram em barricadas, apelaram aos soldados. Kollontai diz que *“Nas aldeias, a mulher camponesa (seus maridos tinham sido enviados para a Guerra) tomava a terra dos proprietários e arrancava a aristocracia dos postos onde ela se alojou por séculos.”*¹⁰ No mesmo texto a autora coloca:

Quem eram elas? Indivíduos isolados? Não, havia multidões delas; dezenas, centenas e milhares de *heroínas anônimas* que, marchando lado a lado com os operários e camponeses [...] No ano de 1917, o grande oceano de humanidade se levanta e se agita, e a maior parte deste oceano feita de *mulheres*... Algum dia a história escreverá sobre as proezas dessas heroínas anônimas da revolução.¹¹ (grifos meus)

Da velha a nova família: O governo revolucionário e as mulheres

A participação das mulheres na revolução se refletiu na composição do governo, que teve Alexandra Kollontai como a primeira mulher no mundo a ser Ministra,¹² bem como na efetivação, nas políticas públicas, de um “programa de transição” destinado a fazer desmoronar a família patriarcal e a opressão das mulheres.

A primeira etapa foi acabar com todas as desigualdades legais. Em 1917 a mulher torna-se eleitora e elegível, é legalizado o divórcio e o casamento civil, e as camponesas passam a ter direito sobre a terra. O Código Completo do Casamento, da Família e da Tutela (1918), abole o poder marital, impedindo o marido de impor o nome, domicílio ou nacionalidade à esposa, institui a pensão alimentícia, acaba com a diferença entre filhos legítimos e ilegítimos, protege o trabalho feminino e cria a licença-maternidade. O aborto é legalizado em 1920 e em 1926, ainda sob o impulso libertário, os casamentos e “uniões de fato” são iguados.¹³

8 LENIN, V. I. Às operárias. 1920. Disponível em: <<http://www.marxists.org/portugues/lenin/1920/02/22.htm>>. Visitado em: 25 de abril de 2015.

9 TROTSKY, L. Construir o socialismo significa emancipar as mulheres e proteger as mães. IN: BEBEL, August; HELLER, Agnes; TROTSKY, Leon; KOLLONTAI, Alexandra. op.cit., p. 78.

10 KOLLONTAI, A. Mulheres Militantes nos Dias da Grande Revolução de Outubro. 1920. Disponível em: <<https://www.marxists.org/portugues/kollontai/ano/mes/militantes.htm>>. Visitado em: 25 de abril de 2015.

11 Idem.

12 Kollontai chefiou o Comissariado de Previdência Social. (KOLLONTAI, Alexandra. Autobiografia de uma mulher emancipada. São Paulo: Proposta Editorial, 1980).

13 GOLDMAN, W. Mulher, Estado e Revolução: política familiar e vida social soviéticas, 1917-1936. São Paulo: Boitempo, 2014.

Nenhuma das repúblicas burguesas mais progressistas, realizou a esse respeito em dezenas de anos nem mesmo a centésima parte daquilo que nós fizemos apenas no primeiro ano de nosso poder. Não deixamos literalmente pedra sobre pedra de todas as abjetas leis sobre as limitações dos direitos da mulher.¹⁴

A segunda etapa foi a socialização do trabalho doméstico, compreendendo o cuidado das pessoas, crianças e doentes como tarefa da sociedade socialista, objetivando acelerar a desintegração da família burguesa e liberar as mulheres para o trabalho produtivo, participação política, a formação cultural, etc. Buscou-se formar uma rede de serviços como creches, pré-escolas, escolas, refeitórios, lavanderias, orfanatos, hospitais, maternidades e outros.

Os Restaurantes coletivos, creches, jardins infantis – eis alguns exemplos [...] que, de fato, são capazes de libertar a mulher, de diminuir e suprimir a sua desigualdade ante o homem, e correspondem ao seu papel na produção social e na vida social. Estes meios não são novos, foram criados [...] pelo grande capitalismo, mas eram mantidos nesse regime como exceção – que é particularmente importante – seja numa empresa comercial, com todos os seus piores aspectos de especulação, de lucro, de embuste, de falsificação, seja numa “acrobacia de filantropia burguesa”.¹⁵

Para esta tarefa, Lênin ressaltava que “*é precisamente a mulher que tratará da organização destas instituições*”.¹⁶ Para facilitar a formação e mobilização das mulheres, em 1919 foi criado um departamento feminino do PC russo, direcionado às operárias, donas de casa e camponesas. Além de realizar diversas conferências, o Zhenotdel elegia delegadas para trabalhar como aprendizes em diversos ramos do governo, formando milhares de mulheres.¹⁷ Kollontai justificava a organização de um trabalho específico de mulheres colocando que

a classe trabalhadora, ao começo, não vai dar por si que a mulher trabalhadora é o membro mais degradado, tanto legal quanto socialmente, da classe operária, que ela foi espancada, intimidada, encurralada ao longo dos séculos, e que para estimular a sua mente e o seu coração necessita uma aproximação especial, palavras que ela, como mulher, entenda. Os trabalhadores não se vão dar conta imediatamente de que neste mundo de falta de direitos e de exploração, a mulher está oprimida não só como trabalhadora, mas também como mãe, mulher. [...] Assim, como membros do partido, as mulheres trabalhadoras lutam pela causa comum da classe, enquanto ao mesmo tempo delineiam e colocam em questão aquelas

14 LENIN, V.I. A contribuição da mulher na construção do socialismo. 1918. Disponível em: <<http://www.marxists.org/portugues/lenin/1919/07/28.htm>>. Visitado em: 25 de abril de 2015.

15 Idem.

16 LENIN, V. I. Tarefas do movimento operário feminino na República Soviética. 1919. Disponível em: <<http://www.marxists.org/portugues/lenin/1919/09/25.htm>>. Visitado em: 25 de abril de 2015.

17 GOLDMAN, W. op.cit.

necessidades e as suas demandas que lhes dizem respeito mais diretamente como mulheres, como donas de casa e como mães.¹⁸

Segundo Wendy Goldman,

As políticas do Comunismo de Guerra (1918-1921) contribuíram para a ideia de que novas formas socialistas rapidamente substituiriam as velhas. Racionamento estatal, refeitórios públicos, comida gratuita para as crianças, salários em espécie, tudo isso apoiava a avaliação otimista de que o trabalho doméstico em breve desapareceria.¹⁹

Kollontai e muitos viram nessas políticas um novo modo de vida socialista. O trabalho obrigatório reconhecia a mulher como unidade de força de trabalho produtiva e a alimentação coletiva e a distribuição de comida para as crianças consolidava a “*separação entre casamento e cozinha*”.²⁰ As iniciativas de habitação comunitária, também foram vistas positivamente, apresentando as vantagens, com cozinha comum, lavanderia e água quente, enquanto a economia privada exigia muito trabalho feminino. As bases do novo sistema eram a organização e controle não apenas da produção, mas também do consumo, retirando da família a função de unidade consumidora e, segundo Kollontai, “*à medida que o casamento deixa de significar para os cônjuges vantagens materiais, perde seu caráter de instituição estável*”.²¹

As limitações econômicas impostas pelas guerras prolongadas dificultaram as políticas de socialização do trabalho doméstico. Apesar disso, Trotsky coloca, em 1923, que “*é inadmissível que por causa de nossa pobreza, deixássemos totalmente de lado a construção de uma nova vida*”²² e ressaltava que “*o Estado operário deve se fortalecer economicamente para estar em condições de encarar seriamente a educação pública das crianças e libertar as mulheres das tarefas domésticas*”.²³

Quando os bolcheviques chegaram ao poder, a Rússia era um país recém saído do regime de servidão. No campo, a produção tradicional se apoiava sobre uma família patriarcal na qual as mulheres não possuíam direitos e onde a autonomia individual era impossível. Nas cidades a industrialização foi tardia e a ampliação da mão de obra feminina só ocorreu com a Primeira Guerra. As políticas do governo encontraram dificuldades com a resistência da população conservadora, sobretudo camponesa, e de opositores que alimentaram boatos sobre as políticas,

18 KOLLONTAI, A. O Dia da Mulher. 1913. Disponível em: <http://www.marxistsfr.org/portugues/kollontai/1913/mes/dia_mulher.htm>. Visitado em: 25 de abril de 2015.

19 GOLDMAN, W. op.cit., p. 22.

20 Idem. p. 89.

21 Ibidem. p. 110.

22 TROTSKY, L. Carta às Operárias de Moscou. . IN: BEBEL, August; HELLER, Agnes; TROTSKY, Leon; KOLLONTAI, Alexandra. op., cit. p. 60.

23 TROTSKY, L. Da velha à nova Família. IN: BEBEL, August; HELLER, Agnes; TROTSKY, Leon; KOLLONTAI, Alexandra. op.cit., p. 55.

como por exemplo, que os filhos seriam arrancados de suas famílias – distorcendo o conceito de criação socializada das crianças. Lênin, em 1918 chamava atenção para o fato de que *“a libertação completa sobre o casamento foi facilmente introduzida nas cidades, nos aglomerados industriais, mas no campo essa lei é reduzida freqüentemente à letra morta”*.²⁴ Seria necessário muito mais do que uma mudança de governo ou uma planificação econômica para mudar a mentalidade russa.²⁵

A nova mulher e a moral sexual: divórcio, maternidade, prostituição, aborto e amor livre

A nova legislação e as políticas de socialização do trabalho doméstico tiveram impacto sobre as famílias e as relações amorosas e a sociedade. Nesse campo, as contradições e diferenças entre as lideranças (e na opinião pública em geral) foram maiores.

Divórcio e igualdade na família

a legislação burguesa, mesmo nos países adiantados, explora a fraqueza da mulher, humilhando e diminuindo seus direitos; e é precisamente neste domínio que o poder soviético não deixou uma pedra sobre pedra das velhas leis injustas, insuportáveis para os representantes das massas laboriosas [...] não há um país onde a mulher não esteja em situação humilhante na vida cotidiana e familiar. E essa foi uma de nossas primeiras e mais importantes tarefas.²⁶

Enquanto a burguesia e setores conservadores diziam que o divórcio iria destruir a família, Lênin se posicionou favoravelmente ao divórcio: *“é impossível ser democrata socialista sem pedir, desde já, a inteira liberdade do divórcio, pois a ausência de uma tal liberdade constitui um vexame suplementar do sexo oprimido”*. Segundo ele, *“quanto mais completa a liberdade de divórcio, mais claro se torna para a mulher que sua ‘escravidão doméstica’ se deve ao capitalismo e não à privação de direitos.”*²⁷

Trotsky também se pronunciou sobre a questão. Quando perguntado sobre se era verdade que na URSS era possível obter o divórcio com um simples pedido ele respondeu: *“Claro que sim. Tinha sido melhor fazer outra pergunta: ‘é verdade*

24 LENIN, V.I. Discurso no Primeiro Congresso Pan-russo das operárias. 1918. Disponível em: <<http://www.marxists.org/portugues/lenin/1918/11/19.htm>>. Visitado em: 25 de abril de 2015.

25 KOLLONTAI, Alexandra. Autobiografia de uma mulher emancipada. São Paulo: Proposta Editorial, 1980.

26 LENIN, V. I. Tarefas do movimento operário feminino na República Soviética. 1919. Disponível em: <<http://www.marxists.org/portugues/lenin/1919/09/25.htm>>. Visitado em: 25 de abril de 2015.

27 LENIN, V.I. Sobre a caricatura do marxismo e o "economicismo imperialista". IN: LENIN, Vladimir. Sobre a Emancipação da Mulher. São paulo: Editora Alfa e omega, 1980.

que existem países em que não se pode obter o divórcio com um simples pedido das partes?''.²⁸

O dever social da maternidade

Uma das principais tarefas da revolução foi garantir serviços destinados à socialização do trabalho doméstico, sob uma concepção de que as tarefas de educação e cuidado das pessoas e crianças sobrecarregavam, isolavam e impediam as mulheres de participar da vida social e produtiva. No entanto, apesar de buscar libertar as mulheres, seu lugar como mãe não foi questionado. Kollontai diz que

Mãe e filho tornaram-se objeto de uma especial preocupação na política soviética. Durante os primeiros meses da revolução, a principal tarefa do povo para a Segurança social [...] foi traçar política no campo da proteção aos interesses da mulher, *enquanto trabalhadora e mãe ao mesmo tempo*.²⁹ (grifos meus)

Ela colocava também:

Mas é obvio que a tarefa principal consiste em liberar as mulher que trabalham do labor improdutivo representado pela atenção física que a criança exige. A maternidade não consiste em lavar criança, trocá-la ou estar junto ao berço. O dever social de maternidade consiste antes de tudo em por no mundo crianças viáveis e sadias. Para isso, a sociedade dos trabalhadores deve dar à gestante condições favoráveis e, por seu lado, a mulher deve observar regras de higiene prescritas, lembrando que, durante nove meses deixa de pertencer-se, ficando a serviço da coletividade, “produzindo”, com sua carne e seu sangue, um novo trabalhador”³⁰ (grifos meus)

Essa posição sobre a maternidade, talvez seja uma das mais contraditórias que encontramos. Vê-se que não se foge do “espírito da época” de ver a maternidade como inerente às mulheres, mas, ao mesmo tempo, a ideia da sociedade como responsável pela criação dos filhos e o descolamento entre a atividade da mulher na sociedade e a maternidade provocavam brechas para que a mulher se definisse pela sua atividade enquanto trabalhadora, militante, e não apenas enquanto mãe. Entretanto, deste momento até as reivindicações de direito ao próprio corpo e autonomia reprodutiva ainda passariam vários anos.

A questão do aborto

O aborto existe e floresce em todos os países, e nem leis nem medidas de repressão puderam estirpá-lo. [...]. Mas a ajuda clandestina às mulheres

28 TROTSKY, Leon. Catorce preguntas sobre la vida y la moral en la Unión Soviética. 1932. Disponível em: <<http://www.marxists.org/espanol/trotsky/ceip/escritos/libro2/T03V203.htm>>. Visitado em: 25 de abril de 2015.

29 KOLLONTAI, Alexandra. Marxismo e Revolução Sexual. São Paulo: Global Editora, 1982. p. 94

30 Idem.

grávidas só seve para mutilá-las, [...] diminuindo, em última análise, a quantidade de força de trabalho.³¹

Na mesma linha de Kollontai, Lênin, em uma polêmica com defensores do neomalthusianismo, também defende a descriminalização do aborto e a difusão de métodos preventivos:

Somos decididamente inimigos do neomalthusianismo [...]. *Isso, naturalmente, não os impede de exigir a revogação de todas as leis que proibem o aborto ou proibem a difusão dos preceitos médicos referentes aos métodos preventivos etc.*[...] Uma coisa são a *liberdade da propaganda médica e a defesa dos direitos democráticos fundamentais para os cidadãos de ambos os sexos*; outra, a doutrina social do neomalthusianismo.³² (grifos meus)

O aborto é visto como um recurso das mulheres diante de uma situação econômica difícil, mas contraditoriamente a defesa da autonomia da mulher em decidir querer ou não ser mãe, não é colocada, chegando a ser considerada uma atitude burguesa:

O aborto [...] resulta da situação precária das mulheres (não falamos da classe burguesa, onde o aborto tem outras causas: repugnância em dividir a herança, repugnância de mulheres ávidas de uma existência sem preocupação de suportar os sofrimentos da maternidade, repugnância em estragar seu corpo, de ficar alguns meses afastada da ‘vida social’, etc).³³

Kollontai coloca ainda que

o aborto só desaparecerá quando a república dispuser de uma ampla rede de estabelecimentos de proteção à maternidade e de educação social e, de outro lado, quando as mulheres estiverem bem conscientes de que pôr uma criança sadia no mundo é para elas um *dever social*. [...] A tarefa da república dos soviets é *aprofundar nas mulheres, através da proteção à maternidade, o instinto maternal sadio, tornar a maternidade compatível com o trabalho para a coletividade e, assim, eliminar a necessidade do aborto*³⁴ (grifos meus).

Segundo Goldman, apesar das posições públicas, as mulheres russas acessaram os serviços de aborto para praticar sua autonomia reprodutiva. Mas o aborto foi legalizado e disponibilizado no serviço de saúde, ainda que com contradições e limitações, como um método não desejável, destinado a desaparecer.

31 Ibidem, p. 100.

32 LENIN, V.I. A Classe Operária e o Neomalthusianismo.1913. Disponível em: <<http://www.marxists.org/portugues/lenin/1913/06/29.htm>>. Visitado em: 25 de abril de 2015.

33 KOLLONTAI, Alexandra. Marxismo e Revolução Sexual. São Paulo: Global Editora, 1982. p. 100.

34 Ibidem, p.31.

A questão da prostituição

Os debates sobre a prostituição no início do séc. XX, provocados pelo seu aumento nas cidades, quase sempre eram feitos sob um viés moralista. O movimento operário debateu sobre a questão:

Condenada pela religião, punida pela sociedade e pela lei, a prostituição nem por isso é menos, não apenas tolerada, mas regulamentada pelo Estado. Declarada necessária para a satisfação das necessidades sexuais naturais dos homens, a prostituição, desde a formação da sociedade de classes, tornou-se de uma forma ou de outra, um para-raios contra a orgia, a garantia dos princípios familiares e a guardiã da virtude das honestas burguesas – de um lado toleravam, de outro, editavam uma série completa de leis e decretos de inumana crueldade submetendo a prostituta a todo tipo de humilhação, ultrajes e torturas.³⁵

A revolução de Outubro descriminalizou a prostituição. Durante o comunismo de guerra o trabalho obrigatório condicionado às senhas de alimentação provocou uma queda na quantidade de prostitutas. Ocorreu também que, sob o regime de trabalho obrigatório,

as prostitutas passaram a ser perseguidas, não porque se prostituíam, mas porque não trabalhavam, porque não participavam do trabalho produtivo para o bem da coletividade. A prostituta era perseguida e condenada como um elemento ocioso, mas não rejeitada como parte de uma categoria especialmente vergonhosa, como é o caso nos Estados burgueses.³⁶

Lênin também se posicionou solidariamente às prostitutas:

Rosa agiu como comunista ao escrever um artigo no qual tomava a defesa das prostitutas, que são lançadas à prisão por infrações a qualquer regulamento da polícia referente a sua triste profissão. Duplamente vítimas da sociedade burguesa, as prostitutas merecem ser lamentadas. São vítimas, antes de tudo, do maldito sistema da propriedade, depois do maldito moralismo hipócrita.³⁷

No entanto, ele não concordava com a necessidade de um trabalho voltado à organização das mesmas. Lênin defendia um esforço para levar a prostituta ao trabalho formal, produtivo e organizá-la como operária:

não se trata de considerar as prostitutas como, por assim dizer, um setor especial da frente revolucionária e de publicar para elas um jornal especial. [...] Trata-se de reconduzir a prostituta ao trabalho produtivo, de indicar-lhe um lugar na economia social.³⁸

35 Idem.

36 Ibidem, p. 114.

37 ZETKIN, C. *Lênin e o Movimento Feminino*, 1920. Disponível em: <<http://www.marxists.org/portugues/zetkin/1920/mes/lenin.htm>>. Visitado em: 25 de abril de 2015.

38 Idem.

Amor e(m) revolução

Kollontai foi a liderança que melhor incorporou a proposição de outras relações sexuais e afetivas a partir da defesa do “amor livre”³⁹ e do fim do casamento burguês.⁴⁰ Ela propôs uma “nova moral proletária” baseada nos princípios de igualdade das relações, reconhecimento mútuo e recíproco,⁴¹ e defendeu: *“o trabalho a realizar consiste em fazer que surja esta nova moral, temos que extrair do caos das atuais normas sexuais [...] princípios de uma moralidade que corresponda ao espírito da classe revolucionária ascendente.”*⁴² E ainda:

O conceito de posseção de uma personalidade por outra, a ideia da subordinação e da desigualdade de os membros de uma só e mesma classe, são conceitos contrários à essência do conceito de camaradagem, que é o princípio proletário mais fundamental.⁴³

Trotsky defendia que

Liberado das cadeias da política e do clero, mais tarde também da necessidade econômica, o laço entre homem e mulher ganhará uma expressão própria [...].o matrimônio deixou o terreno da tradição acrítica e da força cega das circunstâncias para passar ao da razão coletiva.⁴⁴

Lênin parece ser, dos revolucionários, o mais conservador:

Conheceis, sem dúvida, a famosa teoria segundo a qual, na sociedade comunista, satisfazer o instinto sexual e o impulso amoroso é tão simples e tão insignificante como beber um copo de água. [...] Sem dúvida, a sede deve ser saciada, mas será que um homem normal, em condições igualmente normais, se deitará no chão, na rua, para beber água suja de um lameiro? Ou beberá em um copo marcado nas beiradas por dezenas, de outros lábios? [...].⁴⁵

39 Nesse contexto, as expressões amor-livre e união-livre não têm o sentido de “relação aberta”, mas de uma relação sem a instituição do casamento. GOLDMAN, W. op.cit., p. 30.

40 Em um texto de 1907 Kollontai vê o amor-livre como uma defesa burguesa que, na sociedade atual, só faria mulheres terem que arcar sozinhas com o peso da maternidade. Sua posição muda após a revolução: “somente uma transformação radical das relações produtivas podem criar as condições sociais indispensáveis para proteger a mulher dos aspectos negativos derivados da fórmula do ‘amor livre’”. KOLLONTAI, A. Los Fundamentos Sociales de la cuestión femenina. 1907. Disponível em: <<http://www.marxists.org/espanol/kollontai/1907/001.htm>>. Visitado em: 25 de abril de 2015.)

41 Para mais ver: KOLLONTAI, Alexandra. A Nova Mulher e a Moral Sexual. São Paulo: Expressão Popular, 2007 e Um lugar para Eros alado (Place à l'Erosailé), da mesma autora.

42 KOLLONTAI, Alexandra. Las relaciones sexuales y la lucha de clases.1911. Disponível em: <<http://www.marxists.org/espanol/kollontai/1911/001.htm>>. Visitado em: 25 de abril de 2015.

43 Idem.

44 TROTSKY, Leon. Catorce preguntas sobre la vida y la moral en la Unión Soviética. 1932. Disponível em: <<http://www.marxists.org/espanol/trotsky/ceip/escritos/libro2/T03V203.htm>>. Visitado em: 25 de abril de 2015.

45 ZETKIN, Clara. Lênin e o Movimento Feminino, 1920. Disponível em: <<http://www.marxists.org/portugues/zetkin/1920/mes/lenin.htm>>. Visitado em: 25 de abril de 2015.

Mas busca justificar dizendo que, “De fato, beber água é coisa pessoal. Mas, no amor, estão interessadas duas pessoas e pode vir uma terceira, um novo ser. É disso que surge o interesse social, o dever para com a coletividade.” E coloca que:

Não desejo, absolutamente, com minha crítica, pregar o ascetismo. Longe disso. O comunismo deve trazer não o ascetismo, mas a alegria de viver e o bem-estar físico, devidos também, à plenitude do amor. Penso que o excesso que se observa hoje, na vida sexual não produz nem a alegria de viver nem o bem-estar físico, mas, pelo contrário, os diminuem.⁴⁶

Em carta à Inessa Armand, Lênin aconselha-a “*que suprima absolutamente a reivindicação (feminina) do amor livre*”⁴⁷ e constrói uma diferenciação entre um amor livre como uma relação entre iguais, sem preconceitos religiosos e livre de determinações econômicas e legais, próprio da classe operária, e um amor livre, ligado a uma ausência de seriedade do amor, da procriação ou com uma liberdade de adultério, própria da classe burguesa, defendendo que, se os socialistas defendem a primeira perspectiva, então “*é preciso escolher outra denominação, pois amor livre não expressa com exatidão esta ideia*”.⁴⁸

Lênin, de um modo geral, não apresentava muitas simpatias pelos debates que envolviam as questões sexuais:

Parece-me que essa abundância de teorias sexuais [...]. Tem um belo revestimento de formas subversivas e revolucionárias, mas essa ocupação não passa, no fim das contas, de puramente burguesa. [...]. Para tal tipo de ocupação não há lugar no Partido, entre o proletariado que luta e tem consciência de classe.⁴⁹

Lênin, inclusive, chega a repreender Clara Zetkin. Diz ele:

A lista de vossos pecados, Clara, ainda não terminou. Ouvi dizer que, em vossas reuniões noturnas dedicadas à leitura e aos debates com as operárias, ocupai-vos sobretudo com as questões do sexo e do casamento. Esse assunto estaria no centro de vossas preocupações, de vossa instrução política e de vossa ação educativa! Não acreditei no que ouvi.⁵⁰

Para Kollontai, entretanto,

é incompreensível e imperdoável que esta questão vital, essencialmente violenta e trágica, seja considerada com tanta indiferença. Entre as múltiplas consignas fundamentais que a classe operária deve ter em conta em sua luta para a conquista da sociedade futura, tem que incluir-se necessariamente a de

46 Idem.

47 LENIN, Vladimir. op.cit., p. 35.

48 Ibidem, p. 36

49 ZETKIN, C. Lênin e o Movimento Feminino, 1920. Disponível em: <<http://www.marxists.org/portugues/zetkin/1920/mes/lenin.htm>>. Visitado em: 25 de abril de 2015.

50 Idem.

estabelecer relações sexuais mais sãs e que, portanto, façam mais feliz a humanidade. [...] É imperdoável nossa atitude de indiferença ante uma das tarefas essenciais da classe operária. É inexplicável e injustificável que o vital problema sexual se relegue hipocritamente ao armário das questões ‘puramente privadas’⁵¹

O termidor no lar: estalinismo e retrocessos

Sob o governo de Stalin, a visão libertária dos primeiros dias da revolução seria substituída por uma política crescentemente conservadora: O Zhenotdel foi dissolvido, a homossexualidade e a prostituição tornaram-se crime, o aborto foi proibido, a autoridade paterna foi restabelecida, instituíram-se altas taxas para o divórcio, impostos sobre solteiros e bônus salariais conforme a quantidade de filhos. Por fim, as escolas deixam de ser mistas e a quantidade de restaurantes, creches e orfanatos diminui a partir da necessidade declarada de investir na indústria.⁵²

Em *A Revolução Traída*, Trotsky denuncia a reabilitação da família, o envio de crianças abandonadas e órfãos para famílias particulares e o desmonte da rede de orfanatos, o louvor à cozinha e lavagem caseira (que significava “*o regresso das mulheres as caçarolas e tanques, isto é, a antiga escravidão*”), o fato de que a maior/melhor parte dos jardins de infância estavam sendo reservados às famílias de dirigentes e funcionários do governo, a enorme proporção de crianças abandonadas (sinal de desassistência à mãe e à infância) e o crescimento da prostituição a partir da reabilitação do dinheiro.⁵³

Sobre o aborto, Trotsky coloca que “*o poder revolucionário concedeu à mulher o direito ao aborto, um dos seus direitos cívicos, políticos e culturais essenciais, enquanto durarem a miséria e a opressão familiar*” e denuncia o argumento de Soltz, membro de um tribunal soviético, para a interdição do aborto de que “*não conhecendo a sociedade socialista o desemprego, ela, a mulher, não pode ter o direito de rejeitar as ‘alegrias da maternidade’*” e que “*no país ‘onde é bom viver’, os abortos devem ser punidos com prisão, exatamente como nos países capitalistas*” ressaltando que “*temos necessidade de homens*”. Trotsky comenta que: “*Se a burocracia não tivesse posto nos lábios de milhões de trabalhadoras o selo do silêncio poderiam responder-lhe: façam vocês próprios as crianças!*” e defende que “*o socialismo deveria eliminar as causas que levam a mulher ao aborto, não intervir na vida íntima da mulher para lhe impor as ‘alegrias da maternidade’*”.⁵⁴

51 KOLLONTAI, Alexandra. Las relaciones sexuales y la lucha de clases. 1911. Disponível em: <<http://www.marxists.org/espanol/kollontai/1911/001.htm>>. Visitado em: 25 de abril de 2015.

52 GOLDMAN, W. op.cit.

53 TROTSKY, Leon. A revolução Traída. São Paulo: Centauro, 2008.

54 Ibidem. p. 167.

Nesse processo, que Trotsky chamou de “*terridor no lar*”⁵⁵vários elementos estiveram ligados: No campo econômico e social, houve um balanço negativo sobre as políticas públicas implementadas em situação de carência material e a percepção de que utilizar o trabalho gratuito das mulheres era mais barato ao Estado para garantir as funções de reprodução social, além da existência de uma pressão pró-natalidade com fins de crescimento econômico. Mas do ponto de vista das culturas e mentalidades, a repressão política estalinista combinava-se com a reativação da família como um elemento fundamental na internalização de uma cultura de autoridade e submissão.⁵⁶

Para Trotsky, “*o estado atrasado do país sob aspectos econômico e cultural provocou uma cruel reação*” ressaltando que no campo da miséria socializada, era impossível a verdadeira emancipação da mulher. Mas ele também reforçou a relação da reabilitação da família com a “*contrarrevolução burocrática*” dizendo que

O motivo mais imperioso do atual culto da família é, sem dúvida, a necessidade que a burocracia tem de uma hierarquia estável das relações, de uma juventude disciplinada e espalhada por quarenta milhões de lares, servindo de pontos de apoio à autoridade e ao poder.⁵⁷

Conclusão: reflexões teóricas e históricas

Os bolcheviques compreenderam os conceitos de *opressão e exploração* e a relação entre eles como mecanismos não só econômicos, mas também ideológicos anteriores ao capitalismo, que são apropriados por este para dividir a classe trabalhadora e maximizar a extração de mais-valor, e que, portanto, não podem ser eliminados “por decreto” ou somente com mudanças políticas e econômicas. Tal percepção tinha consequências políticas: a destruição da família burguesa e da opressão das mulheres seria um processo longo, tendo como condição necessária mobilizar as mulheres, antes, durante e depois da revolução socialista.

A percepção de que a *produção* capitalista se apoiava sob família e o trabalho das mulheres para as tarefas de *manutenção e reprodução da classe* trabalhadora, levou-os/as à compreender profundamente as imbricações fundamentais entre produção e reprodução sociais, o que se refletiu nas diversas políticas destinadas à socialização do trabalho doméstico no governo soviético.

No entanto, nem todas as consequências foram tiradas dessas conclusões. A não-ruptura da visão da mulher como mãe, por exemplo, indica uma não-compreensão da cultura da maternidade como parte fundamental da dominação patriarcal. Talvez por isso os bolcheviques não elaboraram a fundo uma percepção

55 Idem.

56 Trotsky comenta: na “fábrica, no colcoz, na caserna, na universidade, na escola, jardins de infância, creche: principais virtudes são a fidelidade ao chefe e a obediência sem discussão” (Ibidem, p. 175)

57 Ibidem, p. 170.

e crítica sobre a *divisão sexual do trabalho*. Apesar da ampliação de mulheres na vida produtiva, naturalizaram-se determinadas tarefas como “de mulheres” e outras “de homens”, a exemplo do trabalho nas lavanderias, restaurantes, creches, jardins de infância, justamente serviços destinados à socialização do trabalho doméstico. Além disso, tendo como parâmetro a situação das famílias operárias sob o capitalismo, os bolcheviques apostaram todas as fichas em seu fim a curto/médio prazo e subestimaram seu enraizamento na cultura social e sua capacidade de transformação e sobrevivência.

Consideramos que a não-compreensão dessas questões e as contradições e diferenças entre as lideranças soviéticas relacionadas a elas, bem como as limitações das políticas implementadas pelo governo e suas consequências em um cenário de pobreza econômica – a qualidade ruim dos serviços e de sua administração, o aumento do número de crianças abandonadas e outros – foram fundamentais para a não-liquidação de um arsenal cultural e ideológico conservador, carregado de culto à família e moralismo, que seria retomado no período estalinista.

Sob o governo de Stalin houve um direcionamento das políticas tendo como eixo o investimento na produção. Era necessário minimizar o desperdício, otimizar o tempo de trabalho, suprir a demanda crescente de trabalhadores disciplinados e pontuais e diminuir gastos com políticas sociais. Tais objetivos econômicos, somados ao fenômeno político da burocratização e da repressão política, foram um golpe pesado para as famílias, que passaram a sustentar a estratégia econômica e política do governo. No entanto, essa mudança brusca de rumos só foi possível porque, nos debates do período revolucionário e pós-revolucionário, ficaram “pontas soltas” para que o estalinismo as juntasse.

Apesar dos retrocessos, a experiência da revolução russa foi decisiva para as possibilidades de encontros e desencontros entre feminismo e marxismo ao longo de todo o século XX e até hoje. Teve o mérito de elaborar políticas fundamentais para as mulheres, de contribuir para o aprofundamento da análise da relação entre produção e reprodução em um período de transição e para a compreensão do papel econômico e ideológico da família e as perspectivas de articulação entre luta feminista e revolução socialista/comunismo. Kollontai escrevia em 1921:

Por maior que seja o número de erros cometidos, nossa experiência revolucionária é a mais audaciosa experiência de construção da vida, de tentativa para organizar a vontade que sente uma coletividade de milhões de homens de dominar as leis cegas da economia. [...] por mais difícil que deva ser a realização do comunismo, nós começamos.⁵⁸

Artigo recebido em 27.3.2015

Aprovado em 11.5.2015

58 KOLLONTAI, Alexandra. Revolução nos costumes. IN: KOLLONTAI, Alexandra. *Marxismo e Revolução Sexual*. São Paulo: Global Editora, 1982.